



Revista de Arqueologia Pública – LAP NEPAM

Interview: Neil A. Silberman (by Gabriella Rodrigues)

Subject/Title: “Public views of Archaeology: Interpretation and Presentation of Cultural Heritage Sites”

<p>1. First of all, we would like you to talk about your academic biography and how did you get interested in the role Archaeology plays out of the University? (Archaeology and Politics)</p>	<p>1. Para começar, nós gostaríamos que você falasse sobre sua biografia acadêmica e sobre como se interessou pelo papel da Arqueologia fora da Universidade?</p>
<p>It's been a long story with lots of surprises. Originally I had intended to become a field archaeologist, specializing in the archaeology of Israel. My first job was with the Israel Department of Antiquities and Museums, digging in the summer and working at the Rockefeller Museum in Jerusalem during the rest of the year. And you can't work or study in Jerusalem for very long before you begin to realize what enormous <u>impact</u> archaeology has in justifying (or disproving!) modern political and territorial claims. That subject eventually became my main field of research and I went on to write many books and articles about the politics of Middle Eastern archaeology. But when I took a position in Belgium as director of the Ename Center for Public Archaeology and Heritage Presentation, it became clear to me that the “politics” of archaeology and heritage was not just restricted to war zones. Even in peaceful places, our visions of the past shape the present and future—about identity, race, gender, ethnicity, economic policy, and ideas about right and wrong. This impact of archaeology and heritage on modern society is something that archaeology students usually have to contend with once they actually <u>begin</u> their professional lives. How do you choose a place to dig? Which interpretations are likely to guarantee publicity and which are likely to anger rival communities, or even the host government? In many ways, these are some of the most difficult problems archaeologists have to contend with. And have become convinced that these issues must be included in archaeology curricula, along with pottery dating, epigraphy, and excavation techniques.</p>	<p>Tem sido uma longa história, cheia de surpresas. Originalmente, eu pretendia me tornar um arqueólogo de campo e me especializar em Arqueologia de Israel. Meu primeiro trabalho foi com o Departamento de Antiguidades e Museus de Israel, escavando no verão e trabalhando no Museu Rockefeller em Jerusalém durante o resto do ano. E você não consegue trabalhar ou estudar em Jerusalém por muito tempo sem que comece a perceber o enorme impacto que a Arqueologia tem, justificando (ou refutando!) políticas modernas e reivindicações de territórios. Esse tema acabou se tornando minha principal área de pesquisa e eu o levei adiante, escrevendo muitos livros e artigos sobre os aspectos políticos da Arqueologia no Oriente Médio. Mas, quando eu assumi o cargo de diretor do Ename Center for Public Archaeology and Heritage Presentation (Centro de Arqueologia Pública e Apresentação do Patrimônio de Ename), na Bélgica, ficou claro para mim que “política” em Arqueologia e em Patrimônio não se restringe apenas a áreas em guerra. Até mesmo em lugares pacíficos, nossas visões do passado determinam o presente e o futuro – em relação à identidade, raça, gênero, etnicidade, política econômica e ideias sobre o certo e o errado. Esse impacto da Arqueologia e do Patrimônio nas sociedades modernas é algo que estudantes de Arqueologia normalmente têm que enfrentar, assim que eles iniciam sua vida profissional. Como você escolhe um local para escavar? Quais interpretações devem garantir publicidade e quais irão, mais provavelmente, enfurecer comunidades rivais, ou mesmo o governo local? De várias formas, estes são alguns dos problemas mais difíceis que os arqueólogos têm que enfrentar. Além de se convencer de que</p>



	<p>tais questões devem ser incluídas na grade curricular dos cursos de Arqueologia, juntamente com datação de cerâmica, Epigrafia e técnicas de escavação.</p>
<p>2. Since the last decade you have been working on heritage projects from international centers and institutions as the Ename Center for Public Archaeology and Heritage Presentation and the ICOMOS International Scientific Committee on Interpretation and Presentation of Cultural Heritage Sites (ICIP). Could you tell us how those institutions work?</p>	<p>2. Desde a última década, você vem trabalhando em projetos na área de patrimônio em centros e instituições internacionais, como o Ename Center for Public Archaeology and Heritage Presentation and the ICOMOS International Scientific Committee on Interpretation and Presentation of Cultural Heritage Sites (ICIP). Você poderia nos contar como essas instituições trabalham?</p>
<p>Most of my efforts have been devoted to ICOMOS—the International Council on Monuments and Sites—which is one of the main advisory bodies for UNESCO in reviewing nominations for the World Heritage List and other activities. ICOMOS has more than 120 national committees from UN member states and it also has 23 scientific committees on specialized subjects. The Committee I chair is concerned with public interpretation and we worked for many years on a Charter (http://www.icomos.org/charters/interpretation_e.pdf) that is meant to serve as a professional standard for heritage interpretation all over the world. I want to be clear that this Charter does not tell anyone what the contents of interpretation should be but rather it highlights the social responsibilities of heritage interpreters regarding things like cultural diversity, sustainability, and authenticity. The committee, and indeed all of ICOMOS, tries its best to protect heritage and to develop new understandings of the value of heritage, how it should be protected, and who should be able to participate in protection activities. For so long we have all taken heritage for granted and accepted the stories we were taught in school. But as archaeologists like you and your colleagues can testify, the past is always changing as research and new discoveries are made. International organizations like ICOMOS and academic institutions like the Ename Center and the Center for Heritage and Society at the University of Massachusetts—and of course</p>	<p>Muito dos meus esforços vêm sendo dedicados ao ICOMOS - the International Council on Monuments and Sites (Conselho Internacional de Monumentos e Sítios) – que é um dos principais conselhos consultivos da UNESCO para examinar candidaturas para a lista de Patrimônios Mundiais e outras atividades. O ICOMOS tem mais de 120 comitês nacionais dentre os países-membros da ONU e tem também 23 comitês científicos para assuntos específicos. O Comitê presidido por mim preocupa-se com a interpretação pública. Nós trabalhamos por muitos anos num Estatuto (http://www.icomos.org/charters/interpretation_e.pdf), criado para servir como uma norma profissional para a interpretação do patrimônio no mundo todo. Eu quero deixar claro que esse Estatuto não diz a ninguém qual deve ser o conteúdo da interpretação, mas, mais precisamente, ele acentua as responsabilidades sociais de quem interpreta o patrimônio, com relação a diversidade cultural, sustentabilidade e autenticidade. O comitê, e, de fato, todo o ICOMOS, tenta o seu melhor para proteger o Patrimônio e para desenvolver novas formas de compreender seu valor, de como ele deve ser protegido e de quem deve participar das atividades de proteção. Nós temos considerado o patrimônio como algo certo, por muito tempo, aceitando as histórias que nos ensinavam na escola. Mas como arqueólogos, como você e seus colegas podem testemunhar o passado está sempre mudando, conforme pesquisas e novas descobertas são feitas. Organizações internacionais como o ICOMOS e instituições acadêmicas como o Ename Center e o Center for Heritage and Society (Centro de Patrimônio e Sociedade) da Universidade de Massachusetts – e, é claro, o LAP, NEPAM – têm</p>



<p>LAP NEPAM—are working hard to develop new techniques of public education and communication that will enable the general public to see the remains of the past as a shared resource rather than as just tourist attractions or roadside curiosities.</p>	<p>trabalhado duro para desenvolver novas técnicas para educar e se comunicar com o público, que permitirão que o público em geral veja o passado muito mais como um recurso compartilhado, e não apenas como atrações turísticas ou curiosidades de beira de estrada.</p>
<p>3. How would you define Public Archaeology and Cultural Heritage today? How should one understand the term “public” concerning the interpretation and presentation of the past?</p>	<p>3. Como você definiria Arqueologia Pública e Patrimônio Cultural hoje? Como devemos entender o termo “público” em relação à interpretação e apresentação do passado?</p>
<p>I’m not sure I can define Public Archaeology and Cultural Heritage, since there are so many different versions and varieties. But I can tell you what I <u>think</u> they could develop into in the coming years. As you know from your own work, Public Archaeology was established as an attempt by archaeologists to reach beyond the closed circles of scholars and technical excavators, to offer something of value to the public at large. In general, Public Archaeology represents a kind of outreach—providing school kids and the general public with first-hand experience with sites, artifacts, and the archaeological process itself. Often it works with communities whose heritage has been overlooked or neglected—or who, because of their cultural or economic context—are unfamiliar with museums and archaeological digs. In some cases, it is also called “Community Archaeology,” suggesting the mobilization of a neighborhood or other community group to participate in archaeology for a wide variety of social and even economic needs. Sometimes the goal is enhanced identity and dignity; sometimes it’s to recover or reclaim their connection to particular places that have significance to them. Your lab has carried out many of these projects successfully and has really pioneered this kind of outreach in Brazil. Yet I believe that in the coming years, the lab’s activities will expand in two directions: first, in sharing with communities a wide range of methodologies to protect archaeological resources—alongside stratigraphic excavation and artifact study, will be other modes of collective memory practices such as</p>	<p>Eu não estou certo de que posso definir Arqueologia Pública e Patrimônio Cultural, já que há tantas variedades e versões diferentes. Mas eu posso te dizer no que eu acho que eles podem se desenvolver nos próximos anos. Como você sabe, do seu próprio trabalho, a Arqueologia Pública estabeleceu-se como uma tentativa dos arqueólogos de ir além dos fechados círculos de acadêmicos e escavadores técnicos, para oferecer algo que fosse importante para o grande público. Arqueologia Pública representa, em geral, uma forma de trabalho social – fornecendo a alunos e ao público em geral experiência de primeira mão com sítios, artefatos e com o processo arqueológico em si. A Arqueologia Pública trabalha, com frequência, em comunidades cujo patrimônio foi desconsiderado ou negligenciado, ou que – por conta de seu contexto econômico ou cultural – não tem familiaridade com museus e escavações arqueológicas. Em alguns casos, também é chamada de “Arqueologia Comunitária”, sugerindo a mobilização de uma vizinhança, ou outro grupo comunitário, para participar da experiência arqueológica por uma série de necessidades sociais ou até econômicas. Às vezes, o objetivo é uma identidade valorizada e dignidade; outras, é recuperar ou reivindicar uma conexão com lugares específicos, que têm alguma importância para essa comunidade. O laboratório de vocês tem realizado com sucesso muitos projetos desse tipo e tem, de fato, sido o precursor desse tipo de trabalho social no Brasil. Eu acredito, no entanto, que as atividades do LAP vão se expandir em duas direções, nos próximos anos: em primeiro lugar, em compartilhar com as comunidades um amplo leque de metodologias de proteção de recursos arqueológicos – além da escavação estratigráfica e do estudo de artefatos,</p>



storytelling, performance, and traditional building skills. And that brings me to the definition of “Cultural Heritage,” which used to be restricted to elite expressions of architecture, official historical sites, and the fine arts. But over the last twenty years, the definition of cultural heritage has expanded dramatically. It is no longer restricted to elite culture and it is no longer even restricted to buildings, objects, or tangible things. As a combination of ethnology, folklore, landscape studies, musicology, and cultural anthropology, intangible cultural heritage is now a major focus of interest around the world. In fact, the whole range of cultural heritage—from archaeology to architecture to art—has come increasingly to be seen valuable for the social activities it encourages and the sense of identity it promotes. So that’s why I am confident that the next step in the development of Public Archaeology and Cultural Heritage will be their synthesis: Public Heritage. In not being restricted to a single methodology or a single kind of evidence, the work with communities for the safeguarding of their collective memory will eventually shift from a primarily past-oriented endeavor to a tool for community well-being and sustainable development.

haverá outros modos de praticar a memória coletiva, como contar histórias, performances, e meios tradicionais de construção. E isso me leva à definição de “Patrimônio Cultural”, que costumava restringir-se a expressões arquitetônicas de elite, a sítios históricos oficiais e às Belas Artes. Mas, nos últimos vinte anos, a definição de patrimônio cultural expandiu-se dramaticamente. Ela não está mais restrita a uma cultura de elite e também não está mais restrita a edifícios, objetos ou coisas tangíveis. Da combinação de Etnologia, Folclore, estudos da Paisagem, Musicologia, e Antropologia Cultural, o Patrimônio Cultural Imaterial é hoje um dos principais focos de interesse pelo mundo afora. Na verdade, todo o campo do patrimônio cultural – da Arqueologia à Arquitetura, passando pela Arte – tem sido considerado cada vez mais valioso, pelas atividades sociais que encoraja e pelo senso de identidade que promove. É por isso que eu estou confiante de que o próximo passo no desenvolvimento da Arqueologia Pública e do Patrimônio Cultural será a síntese dos dois: Patrimônio Público. Sem se restringir a uma única metodologia, ou a um único tipo de evidência, o trabalho com comunidades pela salvaguarda de sua memória coletiva deve, eventualmente, passar de um esforço primeiramente orientado pelo passado para uma ferramenta para o bem-estar e desenvolvimento sustentável da comunidade.

4. If we talk about “public interest”, how would you evaluate non-experts interest on the past and which role does that interest play in the works of experts?

4. Falando de “interesse público”, como você avaliaria o interesse de não-especialistas pelo passado e que papel esse interesse desempenha no trabalho de especialistas?

Well, that’s one of the main problems: establishing a strict division between “experts” and “non-experts.” Archaeologists and Cultural Heritage professionals have long been accustomed to being regarded as “the experts,” whose opinions carry special weight. When it comes to making statements about the past for official commemoration or legal protection, only those with specialized university degrees and familiarity with technical methods and jargon were regarded as authoritative. All other kinds of approaches to the past—through legend, local hearsay, and cultural traditions—were at best seen as naïve folklore, and at worst as evidence of ignorance. It’s now clear with

Bem, esse é um dos principais problemas: estabelecer uma divisão severa entre “especialistas” e “não-especialistas”. Arqueólogos e profissionais do patrimônio foram acostumados, por muito tempo, a serem considerados “os especialistas”, cujas opiniões carregariam um peso especial. Quando se trata de fazer declarações sobre o passado para comemorações oficiais ou proteção legal, apenas aqueles com diplomas universitários especializados e familiaridade com métodos e jargão técnicos são considerados autoridades. Todos os outros tipos de abordagens do passado – por meio de lendas, contos locais e tradições culturais – são vistos, na melhor das situações, como folclore ingênuo, e, na pior delas, como evidência de ignorância. Está claro, agora

<p>the work of Public Archaeology and Public Heritage that members of the general public (“non-experts”) who collaborate with scholars (“experts”) can no longer be regarded as empty vessels that need to be filled with academic facts. It used to be that the “experts” were influenced by the interests of “non-experts” mainly when fundraising or publicity were concerned. Sometimes archaeologists would cater to the popular stereotypes of Indiana Jones-type discoveries and adventures in making their excavations sound more exciting and their finds more important to gain public interest. But few took the historical ideas and theories of “non-experts” very seriously. This situation seems to be changing, with the increasing public engagement of academic disciplines of many kinds. With the past increasingly seen as a social reality in the present, formed by many kinds of memory and historiographical practices, the influence now flows both ways.</p>	<p>com o trabalho da Arqueologia Pública e do Patrimônio Público, que membros do público em geral (“não-especialistas”) que colaboram com acadêmicos (“especialistas”) não podem mais ser considerados potes vazios que precisam ser preenchidos com fatos acadêmicos. Costumava acontecer que “especialistas” eram influenciados pelos interesses de “não-especialistas” principalmente no que dizia respeito a arrecadação de verbas e publicidade. Por vezes, arqueólogos iriam considerar o estereótipo popular de descobertas e aventuras à la Indiana Jones, na tentativa de fazer suas escavações parecerem mais excitantes e seus achados mais importantes, para atrair o interesse do público. Mas poucos levaram as ideias e teorias históricas de “não-especialistas” muito a sério. Essa situação parece estar mudando, com o aumento do compromisso público de disciplinas acadêmicas variadas. Agora, a influência flui em ambas as direções, com o passado visto cada vez mais como uma realidade social no presente, formado por diversos tipos de memórias e práticas historiográficas.</p>
<p>5. By the way, which “past” are we talking about? What can be defined as past and what should be preserved as heritage according to these programs?</p>	<p>5. A propósito, de que “passado” estamos falando? O que pode ser definido como passado e o que deve ser preservado como patrimônio, de acordo com esses programas?</p>
<p>I can best explain it by comparing the archaeological or historical past with a person’s memory. Even people who have been at the same event have different recollections of what happened at a certain moment and what it means. One thing is for certain: there is no single past that can be discovered by scholars and documented completely—any more than a modern journalist can write the one, definitive description of the present. And of course the journalist has many more sources of evidence than the historian or archaeologist has. It’s not impossible to document some things about the past, but they will inevitably be things that happen to be important or of interest to us today. That is the key, I think. The past never can be seen as something completely separate from the present, because it never exists as “The Past” in reality. When it was happening, it was a lived and unfinished present, with as many viewpoints</p>	<p>O melhor jeito de explicar isso é comparando o passado arqueológico ou histórico com a memória de uma pessoa. Até mesmo pessoas que estiveram num mesmo evento têm lembranças diferentes do que aconteceu num determinado momento e do que isso significa. Uma coisa é certa: não há um passado único que pode ser descoberto pelos estudiosos e documentado completamente – não mais do que um jornalista moderno pode escrever uma descrição única e definitiva do presente. E, logicamente, o jornalista tem muito mais fontes para a evidência do que o historiador ou arqueólogo tem. Não é impossível documentar algumas coisas sobre o passado, mas acontece que elas serão inevitavelmente coisas que são importantes para nós, ou do nosso interesse atual. Isso é a chave, eu acho. O passado nunca pode ser visto como algo completamente separado do presente, porque, na realidade, ele nunca existe como “O Passado”. Quando ele estava acontecendo, era um presente vivido e inacabado, com tantos pontos de vista sobre ele quanto havia</p>

<p>about it as there were people who experienced it. When we think about a certain past (prehistory, the Bronze Age, or the Roman period) in our <u>own</u> lived and unfinished present, we change a once-lived and uncertain reality into an imaginary past. Of course I don't mean "imaginary" in the sense that it never happened; it's just that the imagining always takes place in the present, for reasons having to do with the present. Since the past inevitably comes to us in fragments, we must glue it together with the logic, consciousness, and sensibility of the present day. So our interpretation of the past is a thoroughly modern creation, not a fact of nature like a water molecule or the surface of the moon. And it is up to every generation to decide if the collective memories that have been handed down to us are accurate and appropriate to the times in which we live.</p>	<p>para pessoas para experienciá-lo. Quando pensamos sobre um certo passado (Pré-História, Idade do Bronze, ou o Período Romano) no nosso próprio presente, vivido e inacabado, nós transformamos uma realidade uma vez vivida e incerta em um passado imaginário. Obviamente, eu não quero dizer "imaginário" no sentido de que nunca tenha acontecido; é só que o imaginar sempre acontece no presente e por razões ligadas ao presente. Como o passado chega até nós inevitavelmente em fragmentos, nós precisamos colá-los, com a lógica, consciência e sensibilidade dos dias de hoje. Então, nossa interpretação do passado é uma criação completamente moderna, não um fato da natureza como a molécula da água, ou a superfície da lua. E depende de cada geração decidir se as memórias coletivas que chegaram até nós são precisas e apropriadas para o tempo em que vivemos.</p>
<p>6. You have been talking very often about the future. How do you see the future of Cultural heritage? How does the way sites are presented to the people, or the way people interpret those sites, can affect people's future?</p>	<p>6. Você tem falado com frequência sobre o futuro. Como você vê o futuro do Patrimônio Cultural? Como a forma com que os sítios são apresentados ao público, ou a maneira como se interpreta esses sítios pode afetar o futuro das pessoas?</p>
<p>It's very interesting that neuroscientists have recently recognized that many of the same brain functions that enable us to remember and to visualize the past are the same as those that allow us to imagine what the future will be like. Actually it makes sense that our understandings of the past would somehow be linked to our expectations of the present and future. I think that in the coming decades, archaeology and heritage will be much more concerned with encouraging people to reflect on what was positive and negative in the past and what lessons it can teach—much more than trying to reconstruct a single "scientific" truth. How often we have all seen drawings depicting "daily life" in ancient societies—and how often have those reconstructions shown, for example, women cooking and men hunting; children playing with toys; or shops selling a particular kind of merchandise. Are these accurate depictions of the past or are they just</p>	<p>É bastante interessante que neurocientistas reconheceram, recentemente, que muitas das funções cerebrais que nos permitem lembrar e visualizar o passado são as mesmas que nos permitem imaginar como o futuro pode ser. Na verdade, faz sentido que nossas compreensões do passado estejam, de certa forma, ligadas às nossas expectativas em relação ao presente e ao futuro. Eu acho que nas próximas décadas, a Arqueologia e o Patrimônio estarão muito mais preocupados em encorajar as pessoas a refletir sobre o que foi positivo e negativo no passado e que lições isso pode nos ensinar – muito mais do que em tentar reconstruir uma única verdade "científica". Com que frequência nós temos visto desenhos representando o "dia a dia" em sociedades antigas - e com que frequência essas reconstruções mostram, por exemplo, mulheres cozinhando e homens caçando; crianças brincando com seus brinquedos; ou lojas vendendo um tipo de mercadoria específica. Seriam essas representações acuradas do passado ou elas apenas</p>



mirror images of the present? Are they just mirror images that suggest that gender relations, family life, or business practices are timeless and inevitable? That is the serious challenge for heritage research and interpretation: will peoples' attitudes toward social change and social justice be stifled because that's the way things always have been done? Or will scholars and the general public learn to interpret the past, to recognize the good and bad within it, to build better lives for themselves and the generations that will come after them?

refletem imagens do presente? Seriam elas apenas reflexos sugerindo que as relações de gênero, a vida familiar, ou as práticas comerciais estão além do tempo e são inevitáveis? Aí está o verdadeiro desafio para a pesquisa e interpretação do patrimônio: será que as atitudes das pessoas em relação à mudança e à justiça sociais serão sufocadas porque é assim que as coisas sempre foram feitas? Ou será que os estudiosos e o público em geral vão aprender a interpretar o passado, a reconhecer o que há de bom e ruim nele, a construir vidas melhores para si próprios e para as gerações que virão depois deles?